

## **Quando a palavra escapa à sua condição de dignidade**

*When the word escapes its condition of dignity*

*Cuando la palabra escapa a su condición de dignidad*

*Lorsque la dignité du mot devient vulnérable*

ALEXANDRE MAURICIO FONSECA DE AZEVEDO

NATACHA JACCOUD BITAR

As transformações sociais ocorridas nos tempos mais recentes vêm alterando sensivelmente o modo como o sujeito se reconhece no discurso social, o que, numa certa medida, vem causando um descompasso entre as expectativas do mundo contemporâneo e as condições de legitimidade da palavra digna, forjada pela verdade expressa na estruturação do indivíduo. Apresentamos aqui um breve estudo sobre a *força da palavra* que se constitui num dos aspectos mais relevantes da clínica psicanalítica, seja do ponto de vista do analista, aqui ilustrado pela concepção de *acting out*, seja na perspectiva do analisando pela construção de uma narrativa que o livra do trauma da não simbolização que interfere em seu modo de existência.

*Palavras-chave:* Psicanálise. Palavra digna. Discurso social. Fanfic. Acting-out.

As transformações sociais ocorridas no mundo atual, marcadas por um crescente individualismo, vêm alterando sensivelmente o modo como o sujeito se reconhece no discurso social. Hoje mais do que em qualquer outro momento histórico, constatamos uma linguagem que se inscreve, cada vez mais, através das comunicações virtuais, e é através desse viés e com o intuito de compreender os efeitos dessas novas formas de identificação do Eu que aqui introduzimos e ilustramos o uso das ‘fanfics’ nas redes sociais.

A ideia sobre a circulação de uma *palavra digna* no setting analítico, enunciado no título deste artigo, permite-nos refletir sobre a dignidade como efeito da subjetivação do sujeito, seja entre os analisandos que apresentam entraves – periódicos ou definitivos – na estruturação psíquica, a exemplo do caso clínico comentado a partir de uma narrativa sobre o uso de *fanfics* trazida aqui para discussão, seja na posição do analista, quando requer a interpretação de uma palavra não dita mas expressada pelo analisando como *acting out*. Em ambas as situações, testemunhamos a emergência da palavra: um dos aspectos mais relevantes da clínica psicanalítica em direção àquilo que Lacan definiu como a “cura analítica”, também entendido como a “cura de simbolização” (MILLER, 1988, p. 23).

Nessa perspectiva, pensar sobre as condições que se implicam no restabelecimento de posições subjetivas favoráveis ao tratamento analítico, pressupõe entender, também, o que escapa à simbolização do sujeito que amiúde se coloca em risco quando seus investimentos libidinais não se modulam com os laços sociais na medida de seu reconhecimento como demanda ao grande outro.

Segundo Jacques-Alain Miller, “Lacan encontra na função da palavra uma função pacificadora. A palavra também opera identificações, mas elas são, se quiserem, identificações salvadoras que permitem superar a rivalidade imaginária” (MILLER, 1988, p. 23), enquanto que “a dimensão imaginária” tal como o autor a descreve, “é fundamentalmente uma dimensão de guerra” (MILLER, 1988, p.23), daí a razão de problematizarmos neste artigo, também, a importância que requer ao analista uma interpretação sobre o *acting out* de seu paciente em análise.

Os pressupostos ligados ao campo da palavra reforçam um conjunto teórico que está relacionado não somente às representações da cultura entre vistas na literatura e nas artes, como também estão ligados a ampliação do conceito de sexualidade, a

desnaturalização dos corpos e a dinâmica do psiquismo, onde apontamos uma de suas manifestações como transferência na clínica psicanalítica.

Nesse sentido, a palavra na clínica psicanalítica vai muito além de sua função descritiva de representar ou indicar uma realidade, implica uma “dimensão de força” (RUDGE, 1998, p. 7) que se destaca como um enigma na transformação do real. Como nos diz Helena Kon Rosenfeld a metáfora ou “a figura fundamental da fala poética têm uma força e um poder que as palavras comuns não têm” (ROSENFELD, 1998, p. 30).

Trata-se, portanto, de um poder *transforma-a-dor*, fundamental à experiência psicanalítica. Nesse sentido, a *força da palavra* que emerge também na linguagem poética e metafórica seria uma das vias pelas quais “podemos tangenciar o indizível, roçar o não-representável, isso que escapa da designação, essa realidade que a linguagem busca e não acha” (KON ROSENFELD, 1998, p. 30).

Daí a importância de pensar a palavra como um *bem maior* na medida em que se relaciona, também, às condições dignas de uma pensar sobre si, que leva em conta não somente as leis que regulam o funcionamento moral do sujeito, como também as formações inconscientes.

Na impossibilidade de uma consistência subjetiva que sustente sua própria verdade, o sujeito se vê prejudicado na sua singularidade ou muitas vezes, como se tem visto mais recentemente, é cativado por identificações perigosas que se nutrem do ódio, como nos alerta Mauro Mendes Dias em seu livro “O discurso da estupidez” (MENDES DIAS, 2020). Quando a ignorância substitui a palavra, há que se observar o risco de uma destituição do sujeito e, por conseguinte, uma ruptura imediata no laço social, pois ele se vê privado de sua própria verdade: somente atraído por uma *massa* que o captura num apelo de demanda promovido pelo discurso neoliberal, em total oposição às formas de existência que se sustentam numa vida digna.

A humanidade ela mesma é uma dignidade, pois o ser humano não pode ser usado meramente como um meio por qualquer ser humano (quer por outros quer, inclusive, por si mesmo), mas deve sempre ser usado ao mesmo tempo como um fim. É precisamente nisso que sua dignidade (personalidade) consiste, pelo que ele se eleva acima de todos os outros seres do mundo que não são seres humanos e, no entanto, podem ser usados e, assim, sobre todas as coisas. Mas exatamente porque ele não pode ceder a si mesmo por preço algum (o que entraria em conflito com seu dever de autoestima), tampouco pode agir em oposição à igualmente necessária autoestima dos outros, como seres humanos, isto

é, ele se encontra na obrigação de reconhecer, de um modo prático, a dignidade da humanidade em todo outro ser humano. Por conseguinte, cabe-lhe um dever relativo ao respeito que deve ser demonstrado a todo ser humano (KANT, 2008, p. 306).

### **Imagem de si no discurso social**

Desde os primórdios da teoria psicanalítica, o estudo do imaginário tem contemplado um campo vasto de fenômenos psicológicos, ligados, principalmente, ao *reconhecimento de si mesmo*, o que suscita, portanto, articulações fundamentais relacionadas a construção identitária “com as pessoas com quem convivemos ou com figuras heroicas reais ou imaginárias” (ALAIN DE MIJOLLA, 2005, p. 929).

Vale ressaltar que a *imagem de si* depende, fundamentalmente, do modo como reconhecemo-nos no discurso social, nesse olhar do outro semelhante cuja identificação revela “a representação que cada um faz de si mesmo, no plano tanto físico quanto fisiológico, sociológico e psíquico, nas diferentes etapas de seu desenvolvimento e nas diferentes situações em que se encontra ao longo da vida” (ALAIN DE MIJOLLA, 2005, p. 929).

Mas é com Jaques Lacan que a noção de imaginário amplia a perspectiva de sua função, passando a contemplar “unidades mais vastas do comportamento” (ALAIN DE MIJOLLA, 2005, p. 929). As imagens com as quais o sujeito se identifica incessantemente situam-se na base do estádio do espelho e da concepção do *Eu* e do outro, em que o sujeito se aliena àquilo que o Outro parental lhe oferece: um percurso que começa na identificação primordial, implicando nessa operação uma certa divisão do *Eu*. Entretanto a identificação que ancora a condição de existência não livra o sujeito do ‘pior’, que é a parte inerente à própria condição de existência. É o que Dominique Fingermann e Mauro Dias indicam-nos como sendo “a passagem de um ser paradoxalmente sem essência a um sujeito inexoravelmente evanescente” (FINGERMANN, 2005, p. 21). No dizer dos referidos autores é o que “salva o ser humano do despedaçamento” (FINGERMANN, 2005, p.35), uma vez evidenciada no sujeito sua própria experiência de alienação, que também se mostra como uma experiência de “desconhecimento (*méconnaissance*) e de ilusão que abre um espaço de ficção” (FINGERMANN, 2005, p. 35). Portanto, o que se perde numa certa proporção pode vir a incidir como “mecanismo de estranhamento, de exílio consigo mesmo” (FINGERMANN, 2005, p. 35).

### **O mal-estar da civilização e as reverberações do ódio**

Em uma carta à Einstein, escrita em 1932, Freud manifesta-se de forma pessimista quanto à “perspectiva de abolir as tendências agressivas do ser humano” (FREUD, 1932, p. 245/246). A fim de justificar sua afirmativa, Freud evoca sua teoria das pulsões.

chegamos à concepção de que esse instinto age no interior de cada ser vivo e se empenha em levá-lo à desintegração, em fazer a vida retroceder ao estado de matéria inanimada. Ele merece, com toda seriedade, o nome de instinto de destruição, enquanto os instintos eróticos representam os esforços de vida. O instinto de morte se torna o instinto de destruição ao ser dirigido, com a ajuda de órgãos especiais, para fora, para objetos. O ser vivo como que conserva sua própria vida ao destruir a vida alheia. Mas uma parte do instinto de morte permanece ativa dentro do ser vivo, e nós procuramos derivar toda uma série de fenômenos normais e patológicos dessa internalização do instinto de destruição. (FREUD, 1932, p. 245/246).

Aquilo que Freud denomina como mal-estar da civilização é ilustrado como “pendor à agressão” e se torna “uma disposição do instinto original e autônomo do ser humano”, encontrando forte ressonância na fase de adolescência quando o jovem revive os conflitos e as vicissitudes de uma etapa de transição à vida adulta.

Lembramos a famosa frase *homo omini lupus* que parece ter deixado suas garras na contemporaneidade. O lobo *mal* não adormecido em nós parece continuar assustando a humanidade já que quando o sujeito se vê encurralado nas grades de um imaginário destrutivo ou na devastadora amplidão *da floresta*, a agressividade volta-se contra o próprio sujeito, havendo, portanto, algo de insuportável que produz angústia e que, sem uma saída pela vertente da palavra, atenta contra si mesmo.

Fazendo uma analogia com a natureza dos rios de nossa região, que circundam a cidade de Belém, diria que o desejo não se produz somente em águas calmas, ao contrário, está sempre sob a influência das maresias que mudam o curso de nossas experiências e em como experimentamos essa travessia. Como nos lembra Fernando Pessoa, ‘navegar é preciso, viver não é preciso’.

De fato, a frase em latim *navigare necesse, vivere non est necesse*, de Pompeu, general romano, 106-48 a.C., objeto de inspiração do poeta português, era dita aos marinheiros que hesitavam em partir para a guerra (cf. Plutarco, in Vida de Pompeu), tal

inspiração permite-nos pensar sobre algo que, na dimensão trágica do significante, sustenta nossa condição de sujeito desejante. Daí o dilema que representa a fragilidade humana, posto que é também pela via do “pior” que o ser humano “responde à ausência de identidade do ser consigo mesmo” (FINGERMAN, 2005, p. 32).

Como nos esclarece Mauro Mendes Dias, em seu livro “O discurso da Estupidez”, citado anteriormente, vivenciamos tempos sombrios em que se constata uma acentuada transformação nas “modalizações discursivas” que regulam os laços sociais. Como estão sendo mais regidas pelo signo da “ignorância” essa *palavra* perde sua função *dialética* na regulação dos laços familiares e se enseja num discurso que se retroalimenta do ódio como *recusa ao diálogo*. É o que mais testemunhamos hoje em dia, e utilizando a frase do autor, vemos a presentificação da normalidade da “vociferação da fera humana”.

A ressonância do ódio que nos é constitutivo se torna tanto mais incisivo quando identificado à determinadas contingências, por isso estaríamos todos sujeitos à determinadas condições que incita *no* sujeito sua identificação com a ‘fera humana’ e sua impossibilidade de promover a dialetização nas relações interpessoais.

### **A ressonância da agressividade e o risco à automutilação**

Disto surge a agressividade como resultado de uma certa discordância com relação à imagem que se aliena no outro, uma agressividade que muitas vezes pode reverter-se contra o sujeito. No descompasso entre a imagem - que insiste em se fazer representada no discurso -, e a palavra que escapa à sua condição de *dignidade* o que é da ordem do desejo entra em descompasso em relação às coisas do mundo.

A agressividade estaria, portanto, ligada à noção do “pior” que se manifesta como experiência subjetiva que modula as (des) conexões do desejo no campo do social, inclusive desde nossa própria constituição, havendo sempre “um resto que permanece na indignidade, fora do mundo, no i-mundo; algo do gozo, algo de impensável, descabido, algo como uma substância negativa, que tem poder criativo, poder causador: o pior como causa”. (FINGERMAN, 2005, p. 32).

Saber de nossa origem ligada ao ‘pior’, desse algo que está *para além do princípio do prazer*, não significa esperar para vê-lo triunfar como força destrutiva. Nesse sentido a psicanálise tem um papel fundamental, deve combater todo e quaisquer discursos que exaltem o ódio e a barbárie, caso contrário correremos um sério risco de sermos

esmagados por um imaginário devastador que nos oprime e nos afasta do campo simbólico, rompendo com o laço social.

### **Uma vinheta clínica**

A fim de ilustrar processos de identificação que se encontram na base das formações do inconsciente e emprestam novos sentidos à realidade discursiva que circula nas redes sociais, evocamos, de forma breve, um fragmento de atendimento.

Trata-se de uma jovem de 13 anos, aqui chamada Clara. Clara é filha de pais separados, e pediu à sua mãe auxílio de um psicólogo que pudesse ajudá-la no alívio de sua angústia, sentimento que se ligava ao inominável, visto que no semblante dessa jovem, havia como que um estranhamento, algo que lhe ausentava de sentido.

Logo na primeira sessão, traz que as dificuldades em encontrar palavras que pudessem explicitar suas inquietações foram subitamente contornadas pela leitura de seu “diário eletrônico”. Nesse momento, Clara deixou evidente sua intimidade com as letras no ambiente virtual.

Após a primeira sessão, passamos a compreender sua demanda de análise em função de dois elementos que se interligavam: o primeiro, de ordem emocional, estaria relacionado a uma forte desilusão amorosa; o segundo, provavelmente decorrente do primeiro, foi marcado por um episódio de automutilação que mobilizou sua família quanto à necessidade de ajuda psicológica para a jovem. É importante ressaltar o fato de que, principalmente entre os jovens, os índices de suicídio e automutilação continuam a crescer de forma exponencialmente alarmante no Brasil.

Ao longo desse breve atendimento, Clara fala de um segundo episódio de automutilação, uma leve escarificação no rosto que não foi notada pelas pessoas com quem convive, talvez pelo caráter imperceptível do corte. Sobre o fato, ela mesma define como uma espécie de ‘vício, uma vontade de ver sangue’, diz que nem mesmo sentiu dor, apesar de saber que foi um risco de alguém o reconhecer, logo acrescenta: “me satisfiz ver o corte incidindo sobre as camadas da pele”.

Se na etapa inicial de sua análise a pedra de toque foram os sintomas de conversão no corpo a fim de aplacar a angústia; na fase seguinte, a palavra se fez determinante na condução de sua análise, como uma espécie de reconexão do desejo. Daí em diante, as

histórias que Clara publicava nas fanfics<sup>1</sup> transpuseram-se para o setting de análise, Clara começou a falar de seus personagens sem se dar conta de que falava de si mesma.

Servindo-se de tais modelos identificatórios, Clara passou a produzir histórias cujos personagens principais surgiam de sua ligação com a música, inspiradas principalmente no grupo de K-pop BTS. Duas das celebridades, integrantes da referida banda, figuram como personagens principais de seus contos, compartilhados em rede, que se configuram como construções literárias híbridas a partir do seu lugar de identificação fantasmática.

A palavra guardada em segredo do diário eletrônico passa ao estatuto de dignidade, dando asas à imaginação e favorecendo que haja conexão do objeto de desejo que se concretiza no real de uma conexão virtual. Como nos diz Koffmann, “o desejo nunca se realiza numa forma fechada, encontra-se com outros, opõe-se lhes numa estrutura aberta, como um organizador das significações” (KOFFMANN, 1996, p. 114).

No ‘destino sempre incompleto do desejo’ (SAFATLE, 2017, p. 22) a palavra assume uma função estruturante fundamental, a de fazer a mediação entre os sujeitos possibilitando-lhes a criação de novos sentidos, de sua (re)conexão de desejo numa metáfora infinita, a exemplo dos jovens escritores de ‘fanfics’ cuja força motriz do desejo é movida pela internalização de modelos ideais e de sua representação na cultura.

Outro aspecto que suscita a emergência da palavra como parte da *dimensão de cura* pode ser ilustrado a partir de determinadas condições teatrais que se apresentam no setting analítico e que requerem uma pronta e imediata intervenção do analista a fim de inibir a precipitação de um ato diante da impossibilidade do ser dito. Ou seja, quando o retorno do recalcado aparece na forma de ação (de um jogo teatral) e carece de uma interpretação.

O acting out não se anuncia, nos surpreende. Mesmo que ele também responda a uma vacilação do desejo, não se desdobra em direção de um apelo ao outro, mas numa tentativa de abocanhar o objeto. É claro, o sujeito é que acaba abocanhado por este. Por isso, enquanto a passagem ao ato se constitui como uma tentativa de garantir o desejo, o acting out é uma atuação contrária ao desejo mesmo. Uma ilusão de autonomia do sujeito que na pretensão de poder prescindir do Outro, se precipita num

---

<sup>1</sup> Dispositivos virtuais de criação literária, também conhecidos como aplicativos editoriais para publicação de pequenos contos. A partir do exemplo das fanfics interrogamo-nos sobre as (re)conexões do desejo como elemento simbólico primordial à ‘cura analítica’, também entendida como ‘cura de simbolização’, face à ‘opacidade no sujeito’ (Miller, Jacques-Alain, 1988, p. 23).



acesso direto ao objeto de seu gozo. Em lugar de um apelo ao pai, se trata de um apelo ao objeto contra o pai. (JERUSALINSKY, 2002, p. 48).

E nesse caso, tal situação exige uma certa prontidão do analista no sentido de intervir sobre a cena ficcional que se impõe sobre o analisando, e isso se dá por meio da palavra digna que o adverte sobre o risco de abandonar seu próprio desejo e sobre o lugar que ocupa.

Por fim, é importante acreditar que, em face à disjunção radical do desejo, a psicanálise tenha como assumir, efetivamente, um papel preponderante no sentido de favorecer a emergência da palavra, de modo que nas relações transferenciais a ‘cura analítica’ possa reoperar aquilo que se tornou ‘opaco no sujeito, em sua experiência’ (MILLER, 1988, p. 25), livrando-o do trauma da não simbolização que interfere em seu modo de existência.

## Referências

- FINGERMANN, Dominique; MENDES DIAS, Mauro. **Por causa do pior**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- FREUD, Sigmund. (1932). Por que a guerra? (carta a Einstein). **Obras completas**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18 (1930-1936), p. 245/286-246/286.
- JERUZALINSKY, Alfredo. Novas proposições sobre acting out e passagem ao ato – a balança neurótica: entre o gozo e o laço social. **Revista Correio da APPOA**, nº 103, Porto Alegre, 2002.
- KANT, I. **A metafísica dos costumes**. 2ª ed. rev. São Paulo: EDIPRO, 2008.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- MENDES DIAS, Mauro. **O discurso da estupidez**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2020.
- MIJOLLA, Alain de. **Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

- MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- PLUTARCO. **Vidas paralelas**. São Paulo: Catedra, 1999.
- ROSENFELD, Helena Kon. **Palavra pescando não-palavra**: a metáfora na interpretação psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- RUDGE, Ana Maria. **Pulsão e linguagem**: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

---

### ABSTRACT

The social transformations that have occurred in recent times have been significantly altering the way in which the subject recognizes himself in social discourse, which, to a certain extent, has been causing a mismatch between the expectations of the contemporary world and the conditions of legitimacy of the dignified word, forged by the truth expressed in the structuring of the individual. We present here a brief study on the power of the word, which constitutes one of the most relevant aspects of the psychoanalytic clinic, whether from the analyst's point of view, illustrated here by the concept of acting out, or from the perspective of the analysand through the construction of a narrative that the free from the trauma of non-symbolization that interferes with its mode of existence.

*Keywords*: Psychoanalysis. Worthy word. Social discourse. Fanfic. Acting-out.

### RESUMEN

Las transformaciones sociales acaecidas en los últimos tiempos han ido alterando significativamente la forma en que el sujeto se reconoce a sí mismo en el discurso social, lo que, en cierta medida, ha ido provocando un desajuste entre las expectativas del mundo contemporáneo y las condiciones de legitimidad. de la palabra digna, forjada por la verdad expresada en la estructuración del individuo. Presentamos aquí un breve estudio sobre el poder de la palabra, que constituye uno de los aspectos más relevantes de la clínica psicoanalítica, ya sea desde el punto de vista del analista, ilustrado aquí por el concepto de dramaticidad, o desde la perspectiva del analizand. a través de la construcción de una

narrativa que la libere del trauma de la no simbolización que interfiere con su modo de existencia.

*Palabras clave:* Psicoanálisis. Palabra digna. Discurso social. Fanfic. Acting out.

## RÉSUMÉ

Les transformations sociales ayant récemment lieu changent considérablement la façon dont le sujet se reconnaît dans le discours social, ce qui cause, dans une certaine manière, un décalage entre les attentes du monde contemporain et les conditions de légitimité du mot digne, forgé au travers la vérité exprimée dans la structuration de l'individu. Nous présentons ici une brève étude sur la force du mot qui constitue l'un des aspects les plus importants de la clinique psychanalytique, soit du point de vue de l'analyste, ici illustré par la conception du acting out, soit dans la perspective de l'analysé par la construction d'une narration qui le décharge du traumatisme de la non symbolisation interférant dans son mode d'existence.

*Mots clés:* Psychanalyse. Mot digne. Discours social. Fanfic. Acting out.

---

### ALEXANDRE MAURICIO FONSECA DE AZEVEDO

Psicanalista.

Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Belém.

Pós-doutorado no INS-HEA (França), com Diploma Universitário na Université Paris Diderot-Paris 7 – Approche Psychanalytique du handicap (2017-2018).

Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2014).

Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2006).

Psicólogo graduado pela Universidade da Amazônia (2002).

azevedoalexandre535@gmail.com

Orcid: 0000-0002-3901-7999

### NATACHA JACCOUD BITAR

Psicanalista.

Psicóloga graduada pela Universidade da Amazônia (2002).

natachabitatar@hotmail.com

Orcid: 0000-0003-3042-4819

Citação:

AZEVEDO, Alexandre Mauricio Fonseca de; BITAR, Natacha Jaccoud. Quando a palavra escapa à sua condição de dignidade. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, jun. 2023.

Submetido: 23.03.2022 / Aceito: 06.12.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

